SACRILEGENS Revista Discente do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da UFJF

Reflexos do pluralismo religioso na subjetividade contemporânea: contribuições psicanalíticas para a Ciência da Religião

Reflections of religious pluralism on contemporary subjectivity: psychoanalytic contributions to the Study of Religion

Ernani Francisco dos Santos Neto[1]

Resumo: Neste tempo marcado pela fragmentação das certezas, pelo colapso das narrativas unificadoras e pelo excesso de opções simbólicas e existenciais, este artigo analisa os efeitos do pluralismo religioso na constituição subjetiva do sujeito contemporâneo. O estudo adota uma metodologia teórico-analítica, com base especialmente nos aportes de Freud e Lacan, articulando revisão crítica da literatura e interpretação hermenêutica. A análise, desenvolvida em três etapas, busca compreender como a pluralidade religiosa contemporânea impacta a vida psíquica e as formas de subjetivação. O estudo conclui que o pluralismo religioso contemporâneo exerce efeitos ambíguos sobre a subjetividade: ao mesmo tempo em que fragiliza antigas referências simbólicas e intensifica a angústia diante do excesso de escolhas, também favorece trajetórias espirituais mais autônomas e criativas.
Palavras-chave: Pluralismo Religioso; Subjetividade; Psicanálise; Identidade; Ciência da Religião.

Abstract: In this era marked by the fragmentation of certainties, the collapse of unifying narratives, and the excess of symbolic and existential options, this article analyzes the effects of religious pluralism on the subjective constitution of the contemporary individual. The study adopts a theoretical-analytical methodology, grounded mainly in the contributions of Freud and Lacan, combining a critical review of the literature with a hermeneutic interpretation. The analysis, developed in three stages, seeks to understand how contemporary religious plurality affects psychic life and the processes of subjectivation. The study concludes that contemporary religious pluralism has ambiguous effects on subjectivity: while it weakens traditional symbolic references and intensifies anxiety in the face of excessive choices, it also promotes more autonomous and creative spiritual trajectories.
Keywords: Religious Pluralism; Subjectivity; Psychoanalysis; Identity; Religious Studies.

Introdução

A motivação deste artigo veio da tese de doutorado intitulada *A presença religiosa nas instituições asilares de Juiz de Fora–MG: pluralismo religioso e mercantilização da velhice*. Desde as primeiras análises, a necessidade de retomar os fundamentos da sociologia da religião para compreender as relações entre religião, capitalismo e sociedade se destacou. Contudo, no decorrer da pesquisa, outras

[1] Doutor, Mestre, Especialista e Licenciado em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: ernanineto.psi@gmail.com.

inquietações teóricas emergiram, apontando para uma dimensão pouco explorada: os efeitos subjetivos do pluralismo religioso nos indivíduos.

Ao observar a realidade das instituições asilares, constatamos que, nesse contexto, a religião é frequentemente ofertada como um serviço, inserida em um mercado simbólico voltado à terceira idade. Tal constatação levou à ampliação do escopo analítico da pesquisa, deslocando o olhar para os impactos psíquicos da convivência entre múltiplas crenças religiosas nos sujeitos institucionalizados. O pluralismo religioso, ao instaurar uma diversidade de visões de mundo, desestabiliza certezas, exige reposicionamentos internos e convoca o sujeito à constante negociação de sentido.

O estudo é de caráter teórico-analítico, combinando uma revisão crítica da literatura nas áreas da sociologia da religião, estudos contemporâneos e da psicanálise, com uma leitura interpretativa das observações empíricas coletadas na tese sobre instituições asilares. A abordagem é hermenêutica e articula referências clássicas de autores como Freud, Lacan e contemporâneas como Berger, Birman, Schwartz, com o objetivo de compreender como a pluralidade religiosa impacta a vida psíquica. O artigo estrutura-se em três etapas: inicialmente, discute o sujeito na contemporaneidade; em seguida, analisa o fenômeno do pluralismo religioso; e, por fim, problematiza a questão à luz da teoria psicanalítica, evidenciando suas contribuições para a compreensão dos deslocamentos internos e dos impasses subjetivos gerados pela diversidade religiosa no contexto social.

1. Subjetividades contemporâneas: o sujeito em discussão

Para adentrarmos na discussão sobre o pluralismo religioso, é necessário, antes, refletir sobre o tempo presente, isto é, localizar o sujeito na contemporaneidade. Nesse sentido, são valiosas as contribuições de Birman (2012) que, em *O sujeito na contemporaneidade* (2012), nos convida a pensar a subjetividade atual. O autor descreve esse sujeito como exposto à desregulação, à vertigem e ao desamparo, inserido em um tempo imprevisível e desordenado que desafia sua capacidade de orientação e estabilidade psíquica. Sob essa perspectiva, o sujeito contemporâneo apresenta-se como vulnerável, ansioso e em crise. A sobrecarga de estímulos, a instabilidade das relações sociais e o excesso de possibilidades de escolha configuram um cenário marcado por angústia, solidão e um profundo mal-estar subjetivo.

Ao abordar a cultura em que vivemos, Mendonça (2013) afirma que refletir sobre a cultura contemporânea não é tarefa simples. Diferentemente de épocas anteriores, nas quais a cultura se organizava em torno de um centro de referência relativamente estável, vivemos em uma realidade marcada pela multiplicidade de sentidos e pela ausência de um eixo central. Segundo a autora, essa configuração torna a cultura atual um campo denso e complexo, passível de análise sob diferentes perspectivas e abordagens.

Para compreender o tempo presente, Mendonça (2013) indica a necessidade de explorar algumas temáticas particularmente significativas para os objetivos deste artigo. Um exemplo é o modo de produção que caracteriza o mundo contemporâneo, uma economia globalizada e de viés neoliberal que considera os impactos desse modelo nas formas de subjetivação e no funcionamento psíquico dos sujeitos. Parafraseando Birman (2012), é nesse cenário que se configuram novas formas de sofrimento e produção de identidade.

Segundo Mendonça (2013), a dificuldade em abordar a cultura contemporânea decorre justamente da ausência de uma referência unificadora. Essa falta de centro torna as manifestações culturais atuais fragmentadas, móveis e plurais, exigindo do pesquisador uma escuta atenta às múltiplas expressões que emergem nesse contexto. O desafio, portanto, consiste em encontrar caminhos de análise que respeitem essa complexidade sem perder de vista os processos históricos e subjetivos que a constituem.

O tempo atual é caracterizado por uma constante imprevisibilidade, expondo o sujeito a um fluxo incessante de acontecimentos inesperados que escapam a qualquer tentativa de controle. Esses eventos irrompem de forma abrupta e fragmentada, tornando o mundo instável e surpreendente. Como afirma Birman (2012, p. 7): “O efeito mais evidente disso, no sujeito, é a vertigem e a ameaça do abismo. Como o improvável acaba quase sempre por acontecer, subvertendo-nos, isso nos faz vacilar em nossas certezas”.

Birman (2012) destaca com precisão um dos traços mais marcantes da experiência subjetiva na atualidade: a instabilidade radical. A contemporaneidade é descrita como um “tempo fora do eixo”, na qual a previsibilidade, que antes oferecia ao sujeito certa segurança simbólica, dá lugar ao inusitado, à ruptura e ao descontrole. Os acontecimentos emergem de forma caótica, descentrada, rompendo com a linearidade histórica e os referenciais estáveis da modernidade. Nesse contexto, o sujeito moderno, que outrora confiava na razão, no progresso e nas instituições, encontra-se exposto ao

colapso das certezas e à erosão de suas referências simbólicas. O resultado é uma vertigem existencial: a sensação de estar à beira de um abismo diante da fragmentação da identidade e do esvaziamento de sentido.

Esse cenário desencadeia um estado de profunda vulnerabilidade subjetiva. O sujeito contemporâneo não somente vacila em suas certezas, como também é constantemente convocado a se reinventar, operando em um regime de permanente adaptação. O improvável deixou de ser exceção para se tornar a regra, uma regra que subverte expectativas e desestabiliza as estruturas sociais, culturais e psíquicas.

Silva e Dionísio (2020) sintetizam essa condição contemporânea ao afirmarem que:

> Alienado de seu desejo e de suas práticas cotidianas (trabalho, lazer, relações sociais etc.), o sujeito é tomado pelos problemas psíquicos que recebem os nomes da moda, de acordo com o saber produzido pela ciência, com seus especialistas e pelo mercado consumidor (Silva; Dionísio, 2020, p. 169).

Segundo os autores, o corpo, concebido desde os estudos sobre a histeria como ponto central de inscrição dos sintomas e expressão visível do mal-estar, torna-se, na atualidade, um palco performático no qual o sujeito raramente se faz presente integralmente.

Como efeito, vivemos em um estado contínuo de estresse, considerado um dos principais desconfortos da contemporaneidade, manifestado em uma série de sintomas. Segundo Silva e Dionísio (2020, p. 169), essas expressões do mal-estar compõem o quadro das chamadas doenças contemporâneas: “depressões ‘incuráveis e sem causa’, ansiedade elevada, transtornos de humor ‘sem tratamento’, síndromes do pânico que persistem, toxicomanias, transtornos alimentares ‘descabidos’ e outros”.

2. O pluralismo religioso

A contemporaneidade é marcada pela pluralidade, e isso é um fato. No tocante à religião, temos o pluralismo religioso. Conceito-chave para a análise das dinâmicas atuais no campo religioso, especialmente no contexto da modernidade tardia[2], refere-se a

[2] A modernidade tardia**,** conceito de Anthony Giddens**,** marca a fase atual da modernidade desde o final do século XX. É caracterizada pela globalização, individualização, crises constantes e pluralidade de identidades. Zygmunt Baumann a descreve como “modernidade líquida”, enquanto Ulrich Beck aborda os riscos e incertezas dessa época.

presença e a interação de múltiplas tradições religiosas em um mesmo espaço sociocultural sem reivindicarem, exclusivamente, a posse da verdade ou a autoridade absoluta sobre o sagrado. Mais do que a simples constatação da diversidade religiosa, o pluralismo pressupõe a aceitação da alteridade, o reconhecimento recíproco entre os credos e, em algumas circunstâncias, a promoção do diálogo inter-religioso.

A origem etimológica do conceito de pluralismo é descrita por Ferreira (1986) como:

> [do plural + -ismo] *s.m.* 1. Doutrina que atribui aos fenômenos cosmológicos e aos históricos uma pluralidade de causas. 2. *Polít.* Voto de qualidade. 3. *Polít.* Doutrina que admite a coexistência de uma pluralidade de partidos políticos, com iguais direitos ao exercício do poder público, segundo procedimentos de eleição juridicamente estabelecidos (Ferreira, 1986, p. 1348).

Embora a compreensão etimológica do termo pluralismo esteja próxima da ideia central da expressão pluralismo religioso, não se trata exatamente da mesma questão. Lidamos com um fenômeno que, na atualidade, desponta como uma das temáticas mais abordadas quando se problematizam questões relacionadas à religião, sendo também reconhecido como um dos grandes desafios do tempo presente. Ao longo do tempo, tal expressão adquiriu diferentes compreensões, ora sendo vista como um paradigma, ora como uma condição da modernidade.

Berger (2017, p. 20) define o pluralismo como "uma situação social na qual pessoas de diferentes etnias, cosmovisões e moralidades vivem juntas pacificamente e interagem amigavelmente". Trata-se, portanto, da coexistência de distintas cosmovisões e sistemas de valores em uma mesma sociedade cuja característica central é a chamada contaminação cognitiva, isto é, um processo de conversação constante. Conforme o autor, para o pluralismo desencadear sua plena dinâmica, é necessário haver diálogo contínuo, não necessariamente entre iguais, sustentado ao longo do tempo, e que aborde uma ampla variedade de temas. Essa contaminação cognitiva acontece, pois, à medida que as pessoas mantêm contato e conversam, acabam se influenciando mutuamente.

Imersos em uma situação pluralista, estamos suscetíveis a conviver com o outro, atravessados pela comunicação e permeados por diversos tipos de interações e comportamentos. À medida que se desenvolve a pluralidade, convivemos com o diferente, com transformações, mudanças e rupturas, o que gera insegurança entre os

indivíduos. Como conviver em um tempo e espaço onde a certeza se torna escassa e a relatividade necessária? Como compreender que o seu Deus é somente mais um entre tantos deuses? Talvez, por isso, o fenômeno pluralista gere tanta preocupação entre os estudiosos da religião. Aqui percebemos que as discussões sobre seus efeitos são frequentemente abordadas sob uma perspectiva sociológica.

Segundo Berger (2017), essa situação tem efeitos no cenário social. Como consequência, o pluralismo religioso provoca a relativização da compreensão de que a realidade pode ser percebida e vivida de maneira diferente daquilo que se pensava ser a única possível. Essa relativização ocorre quando alguém se comporta visivelmente de modo distinto do que era aceito por outro e considera isso um comportamento normal. Outra consequência do fenômeno pluralista é o fundamentalismo e seu esforço para restaurar a certeza ameaçada. Termo geralmente aplicado a movimentos religiosos, existem muitas formas de fundamentalismos seculares, entre os quais estão os políticos, os filosóficos, os estéticos e até mesmo os culinários (Berger, 2017).

Para compreender melhor os efeitos do pluralismo sobre a religião, Berger (2017) aconselha-nos a diferenciar o pluralismo individual do pluralismo coletivo. Embora o pluralismo seja tratado como um fenômeno social, ele também se manifesta na mente dos indivíduos. Para o autor, esse fenômeno é duplo e age em dois níveis distintos: o primeiro, de natureza individual, em que cada um de nós se vê na necessidade de operar uma negociação permanente entre crenças e informações, mesmo quando conflitantes; e o segundo, de natureza institucional.

Berger (2017, p. 42) sustenta que “A situação pluralista é também individualizante. O indivíduo é devolvido a si mesmo para escolher, decidir e se manter no curso escolhido. Esta é uma tarefa e tanto”. Observa ainda que as fontes tradicionais de apoio social, como a família ampliada, os vínculos de parentesco, as comunidades locais, clãs, tribos ou instituições religiosas, como igrejas e mesquitas, encontram-se profundamente fragilizadas ou mesmo ausentes na contemporaneidade. Diante do esvaziamento dos laços coletivos que antes ofereciam sustentação emocional, identitária e prática, os indivíduos são agora compelidos a elaborar, por conta própria, seus próprios “programas de vida”, assumindo sozinhos a responsabilidade de dar sentido e direção à existência, ou seja, de escolher.

A(s) escolha(s) são percebidas como característica fundamental da contemporaneidade e isso constitui um verdadeiro desafio. A dificuldade de realizar escolhas em contextos marcados por ampla diversidade de opções está vinculada à sensação de sobrecarga psíquica e à indecisão que emergem quando o sujeito se vê diante de múltiplas possibilidades simultâneas.

Embora a pluralidade seja frequentemente associada à ampliação da liberdade individual, ela também pode desencadear efeitos contrários, como ansiedade, temor de equívoco, arrependimento e paralisia decisória. Isso porque o aumento das alternativas eleva a percepção de responsabilidade pela escolha e intensifica a tendência à comparação incessante entre as opções, comprometendo a satisfação com a decisão final. No âmbito do pluralismo religioso, por exemplo, essa multiplicidade pode gerar instabilidade subjetiva e insegurança quanto à definição de pertencimento e identidade religiosa.

Nessa linha de pensamento, as contribuições de Schwartz (2004), que problematiza o chamado paradoxo da escolha, são importantes. Esse termo aborda a noção de que uma grande variedade de opções, em vez de facilitar, pode tornar o ato de escolher mais difícil e menos satisfatório. O excesso de alternativas, no lugar de ampliar a sensação de liberdade e promover o bem-estar, pode gerar efeitos contrários, como ansiedade, estresse e bloqueio diante da decisão.

Um exemplo pode ser visto na internet por meio dos mecanismos de busca. Ao buscar um produto para comprar, vários sites disponibilizam esse mesmo item. Eles funcionam como mecanismos de busca que vasculham a internet e organizam informações sobre preços e estabelecimentos que o comercializam. Ao procurar um produto específico, o buscador apresenta resultados de diversas lojas virtuais que oferecem o mesmo artigo, facilitando comparar valores e escolher a oferta mais vantajosa. Consequentemente, uma tempestade indutora de compras se processa: todo site que você abrir estará repleto de propagandas do produto que você pesquisou.

O paradoxo da escolha parte da oposição entre uma expectativa comum — a de que mais escolhas resultam em decisões melhores — e a realidade, que mostra como a abundância pode complicar e retardar a escolha. Isso ocorre por diversos fatores que afetam diretamente o processo decisório. O primeiro deles é o bloqueio decisório: diante de muitas possibilidades, a pessoa tende a se sentir sobrecarregada, o que dificulta ou até impede a tomada de decisão. Essa sobrecarga cognitiva prejudica a clareza mental e

paralisa a ação. Outro efeito recorrente é o sentimento de arrependimento. Ao escolher uma entre inúmeras alternativas, é comum surgir a dúvida sobre se outra opção não teria sido melhor. Essa comparação constante pode gerar frustração e pesar pela decisão tomada (Schwartz, 2004).

Ao realizar uma escolha, essa pode não conduzir à plena satisfação subjetiva. Muitas vezes, persiste uma insatisfação latente, alimentada pela sensação de que alternativas supostamente superiores foram abandonadas. O indivíduo permanece inquieto, como se nenhuma decisão fosse suficientemente boa ou definitiva. Soma-se a isso o desgaste emocional e o custo psíquico implicados em processos decisórios prolongados, marcados pela comparação incessante entre múltiplas opções.

A busca por uma escolha ideal, sobretudo em domínios existenciais como o religioso, pode, assim, transformar-se em um fardo. Essa dinâmica ajuda a compreender, em parte, alguns comportamentos e posições, como o aumento expressivo do número de pessoas que se identificam como "sem religião[3]", não necessariamente por ausência de crença, mas como reflexo de um cenário marcado pela sobrecarga de possibilidades, incertezas e descontinuidade das tradições. Consideramos aqui também outros termos, como a dupla pertença religiosa e o trânsito religioso[4].

Para minimizar os efeitos do pluralismo religioso, estudiosos sugerem algumas iniciativas, entre elas o ecumenismo e o diálogo inter-religioso. Segundo Teixeira (2010, p. 158), o diálogo inter-religioso consiste no "conjunto das relações inter-religiosas, positivas e construtivas, com pessoas e comunidades de outras confissões religiosas, para um mútuo conhecimento e um recíproco enriquecimento". Instaura comunicação e relacionamento entre fiéis de tradições religiosas diferentes, envolvendo partilha de vida, experiência e conhecimento.

[3] No Brasil, o termo "sem-religião" surgiu inicialmente como uma categoria utilizada nos censos demográficos para designar indivíduos que não se identificavam com nenhuma tradição religiosa específica. Com o tempo, essa expressão passou a abranger uma diversidade de pessoas, como ateus, agnósticos, desigrejados e aqueles que optam por formas de espiritualidade desvinculadas de instituições religiosas. Trata-se de uma classificação ampla, que não necessariamente denota ausência de crença, mas sim a não filiação a estruturas religiosas organizadas.

[4] Os termos "dupla pertença religiosa" e "trânsito religioso" surgiram em estudos sociológicos e antropológicos sobre práticas religiosas. Eles não têm um único criador, mas foram consolidados por diversos pesquisadores como Paul Freston, Regina Novaes e Reginaldo Prandi para descrever a convivência de múltiplas religiões ou a mobilidade entre elas. A dupla pertença religiosa é quando alguém participa ativamente de mais de uma religião simultaneamente. Já o trânsito religioso é a mudança ou circulação entre religiões ao longo da vida. Ambos refletem a pluralidade e as buscas espirituais da atualidade.

Já o encontro e o diálogo entre fiéis de diferentes confissões cristãs são definidos por Berkenbrock (2007) como ecumenismo. Trata-se de uma prática que visa promover a unidade entre os cristãos, superando divisões históricas e doutrinárias por meio do reconhecimento mútuo, da escuta respeitosa e da valorização do que há de comum entre as diversas tradições. Nesse sentido, o ecumenismo se reveste de um discurso essencialmente cristão, uma vez que nasce do próprio imperativo evangélico de unidade - "Para que eles sejam todos um, como tu, Pai, o és em mim, e eu em ti, para que também eles sejam um em nós, e creia o mundo que tu me enviaste" (João 17,21) - e se expressa na busca por comunhão, cooperação e testemunho conjunto da fé cristã no mundo contemporâneo.

Berger (2017, p. 69) expõe que, "como consequência do pluralismo, a religião tende a subir na consciência dos indivíduos, passando do nível da certeza para o da opinião". O segundo nível diz respeito à dimensão pública e institucional, envolvendo as relações entre o Estado e as diferentes confissões religiosas, cada vez mais complexas e, ao mesmo tempo, irrenunciáveis. Mas, em que se traduz essa opinião? Quais são os reflexos psicológicos dessa pluralidade de cosmopercepções de mundo?

Em nosso entendimento, Sigmund Freud foi pioneiro ao considerar a religião como um dispositivo psíquico elaborado para lidar com o desamparo humano; uma construção simbólica que visa proteger o sujeito da angústia provocada pela finitude e pelo desconhecido. Para ele, as crenças religiosas derivam de desejos infantis inconscientes e funcionam como uma forma de neurose coletiva. Embora parta dos fundamentos freudianos, Jacques Lacan reformula essa abordagem ao sugerir que a religião, longe de se enfraquecer, se fortalece na contemporaneidade justamente por sua eficácia em dar forma simbólica à falta estruturante. Enquanto Freud a compreendia como uma ilusão necessária, Lacan reconhecia na religião um operador simbólico capaz de sustentar o sujeito em tempos marcados pela fragilização da função paterna e dispersão das referências simbólicas.

Tendo isso em vista, passamos agora a considerar os efeitos subjetivos do pluralismo religioso sob o prisma da psicanálise, buscando compreender como a multiplicidade de crenças incide sobre a constituição do sujeito, sua relação com o desejo, com o Outro e com a experiência fundamental da falta. A partir desse referencial, é possível investigar de que modo o enfraquecimento de autoridades simbólicas únicas e a

exposição a diversas cosmovisões impactam os processos de constituição psíquica, de formação da identidade e de elaboração do desejo.

3. Efeitos da pluralidade religiosa para o indivíduo: uma leitura psicanalítica

A experiência religiosa, em sua multiplicidade de formas e expressões, constitui um dos campos mais complexos da subjetividade humana. Na contemporaneidade, marcada pela globalização, pela circulação instantânea de informações e pelo enfraquecimento das antigas referências simbólicas, o indivíduo se vê diante de uma pluralidade religiosa sem precedentes. As crenças, antes ancoradas em tradições estáveis e instituições hegemônicas, hoje coexistem, dialogam e, por vezes, entram em conflito no espaço público e na interioridade dos sujeitos. Essa diversidade, ao mesmo tempo em que amplia horizontes de sentido, também provoca tensões psíquicas, sentimentos de fragmentação e desafios identitários.

Sob uma perspectiva psicanalítica, a pluralidade religiosa pode ser compreendida como um campo de projeção e deslocamento do desejo, no qual o sujeito busca, através da fé, dar forma simbólica ao que escapa à razão — o mistério, a falta, a angústia. Nesse cenário plural, o indivíduo é convocado a elaborar continuamente suas crenças, revisitar seus vínculos com o sagrado e com o Outro, e reconstruir narrativas que sustentem o sentimento de pertencimento e de coerência interna. A multiplicidade de possibilidades espirituais, contudo, também pode gerar um excesso de escolha e, consequentemente, uma crise do sentido: quando tudo é possível crer, o que ainda mantém o sujeito em laço com o simbólico? Assim, investigar os efeitos da pluralidade religiosa sob o olhar da psicanálise significa examinar as formas como o sujeito contemporâneo lida com a diferença, com o desejo de transcendência e com a necessidade de sustentação simbólica diante do desamparo.

A psicanálise, ao reconhecer a dimensão inconsciente da experiência religiosa, permite compreender como os múltiplos discursos de fé operam como formações de compromisso entre o desejo e a lei, entre o gozo e a interdição, revelando tanto os potenciais criativos quanto os conflitos psíquicos que emergem dessa convivência plural. Trata-se, portanto, de pensar a religião não apenas como sistema de crenças, mas como espaço de elaboração do inconsciente e de produção de subjetividade na modernidade.

Durante séculos, a religião ocupou um lugar de poder diante da humanidade. Com o passar do tempo, mediado pelo avanço tecnológico, esse lugar foi sendo

gradualmente sustentado pelo saber científico. Na atualidade, a religião ainda mantém certo destaque, o que decorre de diversos fatores, como o crescente aumento de seus adeptos e o pluralismo religioso, como apontou Berger (2017).

A psicanálise também conquistou seu espaço como um saber. Aparentemente contrária ao pensamento religioso, ela também evoluiu. Considerada a terceira ferida narcísica da humanidade, foi postulada a teoria do inconsciente humano (Santos Neto, 2020). A teoria psicanalítica foi forjada na Europa por Sigmund Freud (1856-1939), médico e neurologista austríaco que revolucionou de maneira categórica o estudo dos fenômenos mentais. Ele buscou, de forma sistemática, explicações puramente naturais e científicas para esses fenômenos, retirando-lhes o caráter sobrenatural.

Especificamente, podemos conceber a psicanálise como um campo clínico e de investigação teórica da psique humana, independente da psicologia, com origem na Medicina. Freud propôs esse método para a compreensão e análise do homem enquanto sujeito do inconsciente, abrangendo três áreas: 1) método de investigação do psiquismo e seu funcionamento; 2) sistema teórico sobre a vivência e o comportamento humano; e 3) método de tratamento caracterizado pela aplicação da técnica da associação livre.

A psicanálise pode ser concebida como uma "terapia da alma", um método terapêutico empregado no tratamento de casos de neurose e psicose[5]. Ela consiste fundamentalmente na interpretação dos conteúdos inconscientes, seja de palavras, ações ou produções imaginárias de um indivíduo, com base na associação livre e na transferência, conceitos fundamentais para a teoria.

Quanto à sua relação com a esfera religiosa, historicamente a psicanálise apresenta uma postura complexa, ora se aproximando, ora se distanciando dela. Em seu curso geral, a teoria psicanalítica passa por dois momentos em relação à religião. Inicialmente, com Freud, seu fundador, a concepção sobre a religião era fundamentada em uma ideologia cientificista. Para ele, o desenvolvimento da ciência levaria inevitavelmente ao declínio da religião. Posteriormente, com Lacan, leitor de Freud, que postula o triunfo da religião.

[5] Para Freud, neurose e psicose são respostas do psiquismo a conflitos internos: na neurose, o conflito é entre o eu e o isso, com preservação da realidade; na psicose, o conflito é entre o eu e o mundo externo, levando à ruptura com a realidade. As neuroses se dividem em neurose de angústia (ansiedade e sintomas físicos), neurose histérica (conversão de conflitos em sintomas corporais ou dissociações) e neurose obsessiva (pensamentos intrusivos e compulsões), podendo ser atuais ou de transferência, conforme a origem do conflito. Na psicose, o eu rejeito e reconstruo a realidade, resultando em delírios e alucinações.

A teoria psicanalítica freudiana é atravessada por uma análise crítica da religião, compreendida como uma forma de neurose coletiva e uma ilusão. Ao longo de sua obra, Freud interpreta os fenômenos religiosos como expressões do inconsciente, abordando desde os rituais obsessivos (1907), que ele associava aos sintomas neuróticos, até a origem da religião em *Totem e Tabu* (1913), no qual propõe um "mito científico" para explicar o totemismo e a moral (Santos Neto, 2022a). Mas suas reflexões não param por aí.

Em *O futuro de uma ilusão*, vista como a culminância de suas reflexões sobre a religião, Freud (1927 [1996d]) argumenta que as ideias religiosas surgem da necessidade que origina todas as outras realizações da civilização: a necessidade de defesa contra a força esmagadora da natureza. O anseio pelo pai e pelos deuses, ou seja, pelas religiões, é descrito como uma tríplice missão: "[...] exorcizar os terrores da natureza, reconciliar os homens com a crueldade do destino, particularmente a que é demonstrada na morte, e compensá-los pelos sofrimentos e privações que uma vida civilizada em comum lhes impôs" (Freud, 1927 [1996d], p. 27-28).

Freud (1927 [1996d]) argumenta que a religião nasce da necessidade humana de proteção frente ao desamparo, funcionando como defesa psíquica. Ele descreve as religiões como ilusões, realizações dos mais antigos, fortes e permanentes desejos da humanidade. A religião é vista como uma defesa contra o desamparo infantil, que empresta suas feições características à reação do adulto frente ao desamparo que ele tem de reconhecer, sendo essa reação exatamente a formação da religião (Santos Neto, 2022b).

Em *O mal-estar na civilização,* Freud (1930 [1996e]) reforça a ideia da religião como resposta à tensão entre pulsão e repressão social. Apresenta a tese de que a cultura gera um mal-estar no ser humano devido ao antagonismo irremediável entre as exigências das pulsões e as restrições da civilização, destacando a função da religião como conservadora da sociedade humana. Na concepção freudiana, a religião responderia ao anseio por um pai poderoso que oferece segurança e proteção. Finalmente, em *Moisés e o monoteísmo* (1939 [1996a]), Freud investiga o monoteísmo judaico-cristão, retomando sua articulação entre neurose individual e cultura, reafirmando a função psíquica da religião como resposta simbólica ao desamparo humano (Santos Neto, 2022b).

Diante desse cenário, torna-se pertinente problematizar a seguinte questão: se, na perspectiva freudiana, a religião opera como uma resposta do pai ao anseio de proteção e orientação do filho, como repensar essa figura paterna simbólica no contexto do pluralismo religioso? Quais são os efeitos subjetivos da pluralidade de crenças sobre o indivíduo contemporâneo?

Marca incontornável da modernidade tardia, a pluralidade religiosa impacta profundamente a constituição subjetiva dos indivíduos. Do ponto de vista psicanalítico, especialmente a partir das formulações de Freud, a religião pode ser compreendida como uma das modalidades possíveis de inscrição simbólica da Lei e da alteridade. Ela organiza o desejo, estrutura o inconsciente e oferece uma narrativa para lidar com a castração, a perda e o desamparo originário[6].

Na tradição freudiana, a religião é concebida como resposta neurótica coletiva ao mal-estar da civilização. Deus aparece como substituto do pai, figura fundadora do interdito e do sentido. Nesse registro, a religião cumpre uma função de amparo psíquico, auxiliando o sujeito a suportar a falta, a morte e a contingência. Contudo, na experiência contemporânea, marcada pelo pluralismo religioso, essa função simbólica sofre um importante deslocamento.

O pluralismo abala a solidez do Pai simbólico. Se outrora havia uma autoridade transcendente única e estruturante, hoje o sujeito se vê diante de múltiplas versões possíveis do Sagrado, nenhuma delas sustentada por um registro absoluto de verdade. Essa multiplicidade produz efeitos ambíguos na economia psíquica.

De um lado, pode emergir a angústia, uma vez que o lugar do Outro que garantia a crença se fragiliza. A proliferação de deuses, crenças e rituais pode ser vivida como excesso, um ruído simbólico que dificulta a inscrição estável do sujeito. Por outro lado, essa mesma pluralidade pode favorecer um processo de subjetivação mais autêntico ao convocar o sujeito a se implicar na construção de sua crença. Ele já não herda passivamente uma tradição: precisa escolher, experimentar, compor. A pluralidade pode,

[6] Na perspectiva freudiana, o desamparo inicial, a experiência da perda e a noção de castração constituem vivências centrais na formação do sujeito. Desde o nascimento, o bebê enfrenta a condição de total dependência de um outro, geralmente a mãe ou cuidador, o que o confronta com a falta primordial. Com o tempo, essa falta se intensifica por meio de perdas simbólicas, como a interrupção da amamentação ou da presença contínua do cuidador, exigindo do sujeito um trabalho psíquico de simbolização da ausência. A castração, por sua vez, marca o reconhecimento dos limites e da impossibilidade de ser completo, introduzindo o sujeito na dinâmica do desejo e na relação com o desejo do outro. Esses elementos, articulados, constituem a base da vida psíquica e da inserção do indivíduo na cultura.

assim, ser o cenário de uma nova *travessia do fantasma*[7] religioso, na qual o sujeito reconfigura sua relação com a Lei, com o desejo e com o Outro. A fé deixa de ser mera obediência a um Ideal e pode se tornar elaboração criativa da falta.

Na década de 1970, Lacan propõe uma releitura da obra freudiana, promovendo uma significativa transformação metodológica e epistemológica na psicanálise. No que se refere à temática religiosa, Julien (2010) observa que Lacan se debruça sobre a relação entre psicanálise e religião a partir de duas obras fundamentais de Freud sobre a origem da religiosidade: *Totem e Tabu* (1913 [1996f]) e *Moisés e o Monoteísmo* (1939 [1996a]).

Inicialmente, Lacan compartilha das concepções freudianas, mas estabelece uma distinção entre psicanálise e religião. Enquanto a primeira é compreendida como um campo atravessado pelo mal-estar, a segunda é concebida como uma tentativa de cura para o sofrimento humano, oferecendo sentido à existência (Cunha, 2012). Entretanto, em *O Triunfo da Religião*, adota uma postura distinta, sugerindo que, ao contrário da crítica freudiana, a religião demonstra sua força simbólica e seu triunfo na cultura contemporânea.

Lacan nos auxilia a pensar essa travessia ao distinguir o registro do Outro com "A" maiúsculo[8] — lugar do significante, da Lei, do desejo, da linguagem — do outro minúsculo, com quem o sujeito se relaciona no plano imaginário. Em um contexto marcado pelo pluralismo religioso, o Outro religioso perde sua univocidade. Isso pode gerar falhas na inscrição do Nome-do-Pai[9], o significante mestre que estrutura o inconsciente. Sem um Pai único e claro, o sujeito pode vivenciar desordens no campo simbólico, com efeitos clínicos indo da insegurança existencial à angústia paralisante e à desorganização psíquica.

[7] Para Jacques Lacan, a travessia do fantasma é um ponto decisivo da análise em que o sujeito confronta a cena inconsciente que organiza seu desejo e, ao reconhecer esse enredo como construção simbólica, deixa de se identificar automaticamente com ele. Essa travessia não elimina o fantasma, mas permite que o sujeito abandone a posição fixa de objeto do desejo do Outro e assuma uma relação mais livre, ética e responsável com seu próprio desejo, rompendo com a repetição neurótica e se abrindo ao real.

[8] Na teoria psicanalítica de Jacques Lacan, o "Outro" com A maiúsculo (o *grande Outro*) é um conceito central que se refere a uma instância simbólica que estrutura a subjetividade do sujeito. Ele não é uma pessoa, mas um lugar simbólico – o da linguagem, da cultura, da Lei, das normas sociais e do desejo.

[9] Para Lacan, a inscrição do Nome-do-Pai é fundamental na constituição psíquica do sujeito, pois introduz a criança na ordem simbólica — linguagem, lei e cultura — por meio da função paterna, que rompe a fusão imaginária com a mãe e instaura a diferença, a falta e a lei do desejo. Essa função não depende do pai biológico, mas de uma instância simbólica que organiza o desejo e viabiliza a castração simbólica, condição essencial para a estruturação neurótica. Quando essa inscrição falha, ocorre a foraclusão do Nome-do-Pai, elemento central na estrutura psicótica, marcando a impossibilidade de o sujeito se inserir de forma estável no campo simbólico.

Por outro lado, em uma perspectiva pós-freudiana, o pluralismo pode também ser visto como possibilidade de trânsito criativo entre diferentes significantes de sentido, abrindo espaço para uma religiosidade mais fluida, menos dogmática e mais sintonizada com a singularidade do desejo. Muitas vezes, observa-se a formação de campos religiosos personalizados, no qual elementos simbólicos de distintas tradições são apropriados e ressignificados conforme a trajetória individual. Essa bricolagem simbólica não deve ser imediatamente lida como sinal de fragilidade psíquica; ao contrário, pode expressar uma subjetividade em movimento, que se recusa a se fixar em uma única metáfora paterna e prefere transitar entre diferentes figuras de alteridade e transcendência.

Na psicanálise, especialmente na abordagem lacaniana, de forma paralela, pode-se pensar o pluralismo religioso como algo que intensifica a experiência da falta, pois, ao se deparar com diferentes visões de mundo, o sujeito percebe a impossibilidade de encontrar uma verdade absoluta ou satisfatória. Esse processo pode fortalecer o desejo por respostas definitivas, como aumentar a angústia ao lidar com a imprecisão e a multiplicidade de respostas.

Portanto, o pluralismo religioso não é somente uma fonte de desconforto. É, também, uma oportunidade para o sujeito redefinir sua identidade e sua relação com o mundo, em uma busca contínua por significado e pela reconciliação com a falta. Sob a ótica lacaniana, o pluralismo religioso afeta o indivíduo, especialmente na constituição de sua subjetividade, no relacionamento com o desejo e na experiência da falta.

A religião, enquanto sistema simbólico, influencia profundamente a psique do sujeito, principalmente ao colocá-lo frente a uma diversidade de crenças e significados. Esse confronto pode desencadear uma crise de identidade, pois o sujeito se depara com a impossibilidade de alcançar uma verdade absoluta. Além disso, o pluralismo religioso pode amplificar o desejo que, segundo Lacan, é estruturado pela falta, motivando o sujeito a procurar um sentido ou verdade, o que pode gerar angústia.

A pluralidade religiosa também impõe uma constante redefinição da identidade, considerando que o sujeito precisa se ajustar a novos valores e significados, o que pode resultar em uma crise identitária ou até mesmo em uma reinvenção de si. Em outras palavras, o pluralismo religioso pode intensificar a angústia, devido à diversidade de verdades, como representar uma chance de reconstruir a identidade e o sentido da vida.

Como se observa, os efeitos da pluralidade religiosa não podem ser apreendidos de maneira unívoca. Ela pode ser vivida como ameaça à estabilidade simbólica ou como oportunidade de reinvenção subjetiva. Dependerá da posição do sujeito frente à falta, à diferença e à escolha e de sua capacidade de construir um laço com o Outro que sustente sua travessia subjetiva.

Considerações finais

Analisando o fenômeno pluralista a partir do saber psicanalítico, consideramos que, embora amplie horizontes e fomente o reconhecimento da diversidade de crenças, o pluralismo religioso também impõe ao indivíduo desafios subjetivos relevantes. Longe de ser somente um dado sociológico ou teológico, essa multiplicidade de crenças, sob uma perspectiva psicológica, pode afetar a constituição da identidade, a experiência de sentido e os modos de se relacionar com o transcendente.

O sujeito contemporâneo, exposto a diversas possibilidades de crença e descrença, vivencia um deslocamento da autoridade simbólica e, frequentemente, uma crise diante da multiplicidade de caminhos espirituais possíveis. Se, de um lado, essa diversidade pode desestabilizar certezas herdadas, provocar angústias e gerar um sentimento de desorientação, por outro, ela abre espaço para escolhas mais conscientes, itinerários espirituais autênticos e vínculos menos dogmáticos e mais vividos.

Diante disso, a psicanálise oferece uma chave valiosa na compreensão de que os efeitos do pluralismo religioso não se limitam à esfera racional ou intelectual; eles penetram profundamente nas dimensões inconscientes e afetivas da vida psíquica. Ao lidar com uma multiplicidade de crenças e narrativas sagradas, o indivíduo não somente escolhe ou recusa de maneira consciente, como também enfrenta forças internas que mobilizam fantasias, ansiedades e processos de identificação.

Essa pluralidade religiosa repercute nas formas como o desejo se organiza, nos modos de relação com o Outro e nas dinâmicas de pertencimento ou exclusão que estruturam a subjetividade. Logo, ao mesmo tempo em que o pluralismo religioso é um fenômeno social ou cultural externo, ele convoca movimentos internos de reelaboração simbólica que podem alimentar conflitos inconscientes e abrir novas possibilidades de criação de sentido e de reconciliação consigo mesmo e com o mundo.

Ao diluir a força de referenciais simbólicos unívocos, a pluralidade de crenças pode provocar uma reconfiguração das instâncias psíquicas, suscitando possibilidades

criativas de reelaboração subjetiva, bem como angústias ligadas à falta de um ponto fixo de referência. A fragilização de um Nome-do-Pai estável que, em termos lacanianos, representa a inscrição simbólica fundadora do sujeito, pode gerar uma condição de desamparo ou de "não-todo" simbólico ao mesmo tempo, em que abre margens para novas construções de sentido e de desejo. Nesse sentido, a psicanálise permite compreender como a fluidez e a diversidade religiosa própria da modernidade tardia, muitas vezes tematizadas sociologicamente em termos de pluralismo, têm repercussões profundas na subjetividade, desafiando as formas tradicionais de constituição do sujeito e da experiência religiosa.

Portanto, podemos afirmar que, em um contexto de múltiplas vozes e narrativas religiosas, o pluralismo deve ser entendido como uma tolerância passiva, mas, igualmente, como um convite à escuta, à elaboração subjetiva e à criação de novos sentidos para o sagrado. Neste artigo, demos o passo inicial, já que reconhecer os reflexos do pluralismo religioso no indivíduo é essencial para compreendermos os modos de crer, de não crer e de buscar sentido no mundo contemporâneo.

Referências bibliográficas

A BÍBLIA. S. João**:** *O santo evangelho de Jesus Cristo segundo S. João.* Tradução em português da vulgata Latina por Pe. Antônio Pereira de Figueiredo. São Paulo: DDI, 2010. 892 p. Velho Testamento e Novo Testamento, 2010.

ANGERAMI, Valdemar. Religiosidade e psicologia: a contemporaneidade da fé religiosa nas lides acadêmicas. *In*: ANGERAMI, Valdemar Augusto (Org.). *Psicologia e religião*. São Paulo: Cengage Learning, 2008, p. 1–43.

ÁVILA, Antônio. *Para conhecer a Psicologia da Religião*. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BECK, Ulrich. *Sociedade de risco:* rumo a uma outra modernidade. São Paulo: Editora 34, 2010.

BERGER, Peter. *O dossel sagrado:* elementos para uma teoria sociológica da religião. Peter L. Berger. Organização de Luiz Roberto Benedetti. Tradução de José Carlos Barcellos. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

BERGER, Peter. *O futuro da religião*. São Paulo: Editora Vozes, 2017.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido:* a orientação do homem moderno. Tradução de Edgar Orth. 3.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

BERKENBROCK, Wilson. *O ecumenismo e a união cristã:* teoria e prática no diálogo inter-religioso. São Paulo: Editora Paulinas, 2007.

BIRMAN, Joel. *O sujeito na contemporaneidade:* espaço, dor e desalento. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CUNHA, Gladson. Qual é o futuro da ilusão? A religião no pensamento lacaniano e sua contribuição para a psicanálise com base na leitura de O Triunfo da Religião. *Revista Ciências da Religião - História e Sociedade*, p. 138-162. Vol.10. n.1, 2012.

FERREIRA, Aurélio B.H. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2.ed. revista e aumentada. 33ª Impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FREUD, Sigmund, 1856 – 1939. *Moisés e o Monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos (1937 – 1939).* Obras completas de Sigmund Freud. Vol. XXIII, edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

FREUD, Sigmund, 1856 – 1939. Notas sobre um caso de neurose obsessiva (1909). *In*: FREUD Sigmund. *Duas histórias clínicas "Pequeno Hans" e o "Homem dos Ratos" (1909).* Obras completas de Sigmund Freud. Vol. X, edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996b, p. 135-215.

FREUD, Sigmund, 1856 – 1939. *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos (1911-1913).* Obras completas de Sigmund Freud. Vol. XII, edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996c.

FREUD, Sigmund, 1856 – 1939. O futuro de uma ilusão. *In*: FREUD Sigmund. *O futuro de uma ilusão, o Mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927- 1931).* Obras completas de Sigmund Freud. Vol. XXI, edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996d.

FREUD, Sigmund, 1856 – 1939. O mal-estar na civilização. *In*: FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão, o Mal-Estar na civilização e outros trabalhos (1927- 1931).* Obras completas de Sigmund Freud. Vol. XXI, edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996e, p. 65-153.

FREUD, Sigmund, 1856 – 1939. *Totem e Tabu e outros trabalhos (1913- 1914)* Obras completas de Sigmund Freud, Vol. XIII, edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996f.

FREUD, Sigmund. Atos obsessivos e práticas religiosas (1907). *In*: FREUD, Sigmund. *"Gradiva" de Jensen e outros trabalhos (1906–1908).* Obras completas de Sigmund Freud, Vol. IX, edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996g, p. 105-117.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade.* São Paulo: Editora Unesp, 1991.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O Peregrino e o Convertido:* a religião em movimento.

HICK, John. *An interpretation of religion:* human responses to the transcendent. New Haven: Yale University Press, 1989.

JULIEN, Philippe. *A Psicanálise e o Religioso:* Freud, Jung, Lacan. Tradução de Claudia Berdinner. Revisão técnica por Marco Antônio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

KNITTER, Paul F. *Introducing theologies of religions*. New York: Orbis Books, 2005.

LASCH, Christopher. *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

MENDONÇA, Leila G. *De que sofrem as crianças hoje?* Curitiba: Editora CRV, 2013.

PAIVA, Geraldo J. Psicologia da Religião: natureza, história e pesquisa. *Numen: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião*, Juiz de Fora, Vol. 21, n. 2, p. 9-31, jul./dez, 2018.

PANIKKAR, Raimon. *O diálogo intrarreligioso*. São Paulo: Paulinas, 1999.

REALE Giovanni. *O saber dos antigos:* terapia para os tempos atuais. Tradução Silvana Cambuci. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1997.

SANTOS NETO, Ernani F. dos. Religião e psicanálise nos dias atuais: aproximações ou distanciamentos? *Anais do CONACIR: IV Congresso Nacional de Ciência da Religião: Religião e democracia: os desafios no espaço público.* Vol. II, p. 62–72, 2020.

SANTOS NETO, Ernani F. dos. Do Pluralismo Religioso ao Princípio Pluralista. *Sacrilegens, [S. l.]*, Vol. 19, n. 1, p. 191-213, 2022a.

SANTOS NETO, Ernani F. dos. Escritos de um cartel: a psicanálise e a religião em uma perspectiva histórica. *Stylete Lacaniano*, Rio de Janeiro, Ano 6, n. 21, p. 9-11, 2022b. Disponível em: https://www.stylete.com.br/_files/ugd/d3c58b_22ea7fdd339b47cf864e628ce6e49c2a.pf

SANTOS NETO, Ernani F. dos. *A presença religiosa nas instituições asilares de Juiz de Fora - MG*: pluralismo religioso e mercantilização da velhice. 2024. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2024. Disponível em: https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/16992. Acesso em: 6 maio 2025.

SCHWARTZ, Barry. *O paradoxo da escolha: porque mais é menos*. Tradução de Afonso Celso da Cunha Serra. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

SILVA, Juliana M.; DIONISIO, Gustavo H. O sujeito contemporâneo e as manifestações psíquicas. *Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar*, Belo Horizonte, Vol. 23, n. 1, p. 158–171, 2020. DOI: 10.57167/Rev-SBPH.23.107. Disponível em: https://revistasbph.emnuvens.com.br/revista/article/view/107. Acesso em: 24 maio. 2025.

TEIXEIRA, Faustino. *A teologia do pluralismo religioso*: entre a exclusão e a inclusão. São Paulo: Editora Loyola, 2005.

TEIXEIRA, Faustino. *Diálogo inter-religioso:* o desafio da acolhida da diferença. Perspectiva Teológica, v. 34, n. 93, p. 155-177, jun. 2010.

VILAÇA, Aparecida. *A religião na sociologia:* uma análise das perspectivas do pluralismo religioso. São Paulo: Editora Paulus, 2003.